15ª REUNIÃO REGIONAL anped sudeste
Educação, Democracia e Justiça Social no desafio urgente da reconstrução nacional
2022 | BELO HORIZONTE - MG
29 nov a 02 dez

ANPEd - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação

11761 - Resumo Expandido - Trabalho - 15a Reunião da ANPEd – Sudeste (2022)
ISSN: 2595-7945
GT 03 - Movimentos sociais, sujeitos e processos educativos

COORTES JUVENIS NA ANÁLISE DAS RELAÇÕES EDUCAÇÃO E TRABALHO NO BRASIL: O CASO DA PESQUISA IBEROAMERICANA COM JOVENS

Juliana de Moraes Prata - UNIRIO - Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro
Mônica Dias Peregrino Ferreira - UNIRIO - Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro

COORTES JUVENIS NA ANÁLISE DAS RELAÇÕES EDUCAÇÃO E TRABALHO NO BRASIL: O CASO DA PESQUISA IBEROAMERICANA COM JOVENS

A juventude é mais que uma palavra, como nos diriam Margulis e Urresti (1996). Esse grupo populacional traz consigo características marginais (Mannheim, 1968), potenciais (Weller, 2010) e não diretamente relacionadas a idade (Bourdieu, 1983), que demandam atenção nas análises sociais. Ainda traz especificidades de conexão na relação com o mundo do trabalho (Guimarães, 2005) e com a escola (Spósito, 2003). Logo, entendemos esse grupo para além de um ajuntamento de pessoas que têm determinada faixa de idade, mas, e, sobretudo, como um conjunto de relações complexas que pode ser considerado um ponto específico de observação, uma posição. Nosso pressuposto é que juventude poderia então, nessa linha, operar como um dispositivo para análises sociais, especialmente das desigualdades sociais.

Nossa proposta é fracionar o grupo juvenil apresentando um estudo de coortes, com a leitura dos "efeitos" de coorte nas faixas de juventude de 15 a 17;18 a 20; 21 a 24 e 25 a 29 anos, nas suas experiências de estudo e trabalho, a partir de uma pesquisa iberoamericana organizada pelo Instituto Santa Maria, com sede em Madrid, que envolveu nove países iberoamericanos, incluindo o Brasil. A amostra Brasil construída a partir de questionários a 1.740 jovens de todas as regiões em uma análise polietáptica e probabilística com relação às categorias sexo, cor da pele e grupos socioeconômicos (GSE), além de faixa de idade.

Nesse sentido, a pergunta que se apresenta para essa proposta é: como os coortes podem operar como ferramenta de análise para entender a juventude nos campos da educação

e do trabalho?

Para responder essa pergunta, delineamos o objetivo do texto: analisar as faixas de idade (coortes de juventude), a partir da comparação entre essas e as relações estabelecidas entre estudo e trabalho no Brasil.

Os principais resultados encontrados no relatório Juventudes no Brasil (CARRANO, 2021) apontam maior vulnerabilidade social quando analisamos sexo, das mulheres; quando analisamos cor da pele, dos pretos e quando comparamos grupo socioeconômicos (GSE), os mais pobres, que são os grupos com menor proteção de direitos e mediação por duas importantes instituições de juventude: escola e trabalho. Entretanto, um destaque importante deve ser enunciado: o fator faixa de idade como atravessador.

As experiências de condição juvenil em geral e de relações com trabalho e escola diferem muito quando olhamos para frações menores do grupo juvenil. O grupo adolescente, de 15 a 17 tem mais proteção institucional por estar frequentando a escola. O grupo jovem-adulto, de 25 a 29, também tem uma certa proteção mediada pelo trabalho, que é em números, mais estável e formalizado do que quando comparamos com os grupos intermediários.

Os grupos de 18 a 20 e 21 a 24 anos são os que possuam relações mais fragilizadas de conexão com a escola e com o trabalho. Grupos esses em que havia a predominância, inclusive maior dentre os jovens que não estudavam e não trabalhavam.

Nesse contexto, o método proposto é uma análise exploratória com base qualitativa e quantitativa dos efeitos de coorte nas relações aqui apontadas entre as faixas de idade juvenis. Observando os indicadores dos resultados, intencionamos apresentar o caso e como se comporta nosso vetor de argumento: os coortes de idade em estudos e trabalho nos grupos de jovens brasileiros.

O argumento é que a idade é uma categoria e as análises de coortes tem como objetivo diferenciar os efeitos da idade, o período da vida e das faixas de idade. Para isso, nos apoiamos no trabalho de Filardo e Mancebo (2013), por que:

1- os efeitos da idade representam mudanças no desenvolvimento das etapas da vida, ainda que não estejamos falando do mesmo grupo ao longo do tempo;

2- as análises dos coortes levam em conta que os mesmos são dispositivos independentes, mas também interrelacionais, com um conjunto de correlações estruturais. Sua análise, distinção e comparação são importantes para uma melhor compreensão e identificação dos fatores sociais e ambientais subjacentes que são suscetíveis de modificações.

3- a análise de coorte permite responder perguntas sobre mudanças estruturais na educação, no trabalho e nas políticas públicas brasileiras com a marcação do ano de nascimento e analisando os coortes de idade.

Quando olhamos para os grupos em perspectiva de comparação, vimos um desenho das conexões institucionais bem delimitadas para o grupo adolescente- com predominância dos estudos e decaimento conforme o avançar do próximo coorte- e de jovem adulto- com predominância do trabalho vindo de um crescimento ao longo dos coortes.

Contudo, nos grupos intermediários, grupos de menor variação, temos a maior população mais enfraquecida de conexões com as duas instituições fundamentais: escola e trabalho. Em

substitutiva, temos um crescimento do grupo que trabalha mais nos cuidados, que se dedica ao lar e também um aumento significativo no grupo que não estuda e nem-trabalha. Logo, percebemos que não são os mais velhos, nascidos entre 1995 e 2001, os mais vulneráveis. A idade ainda marca momentos importantes de entrada na instituição escola. Entre 2002 e 2003 para nascidos em 1995 e entre 2008 e 2009 para nascidos em 2001.

Temos acordo com o argumento desenvolvido nos estudos de coorte, quando Lassassi e Tansel (2020) afirmam que análise dos coortes permite responder perguntas sobre mudanças estruturais na economia (LASSASSI; TANSEL, 2020). Vamos além, não só na economia, mas na educação e nas políticas públicas no cenário sociais dos últimos anos no Brasil.

Existem, contudo, outras chaves de classificação também muito importantes na pesquisa iberoamericana: sexo, cor da pele e GSE. Todavia, para os limites desse texto, nos propusemos a apresentar a variável coortes, separando o grupo juvenil em quatro frações para problematizar sob diferentes perspectivas que as frações de juventude apresentam.

Por tudo isso, sublinhamos que a juventude não é um grupo único e homogêneo e os estudos dos coortes podem nos dizer muito sobre a análise da sociedade brasileira, especialmente quando combinadas com outras importantes variáveis como sexo, raça e classe social.

Palavras-chave: Juventude; Coortes; Desigualdades sociais; Educação; Trabalho.

REFERÊNCIAS

BOURDIEU, Pierre. “A juventude é apenas uma palavra”. In: **Questões de Sociologia**. Rio de Janeiro: Marco Zero, 1983, p. 113.

CARRANO, Paulo César (Org.).**Pesquisa Juventudes no Brasil**. São Paulo, Fundação SM: 2021.

FILARDO, Verónica; MANCEBO, Maria Ester. **Universalizar la educación media em Uruguay**: ausencias, tensiones y desafios. Universidad de la República Uruguay: CSIC, Uruguay. 2013.

GUIMARÃES, Nadya Araujo. Trabalho: uma categoria-chave no imaginário juvenil. **Retratos da juventude brasileira: análises de uma pesquisa nacional**, p. 149-174, 2005.

LASSASSI, Moundir; TANSEL, Aysıt. Female Labor Force Participation in Five Selected Mena Countries: An Age-Period-Cohort Analysis (Algeria, Egypt, Jordan, Palestine and Tunisia), No 13814, **IZA Discussion Papers**, Institute of Labor Economics (IZA), 2020.

MARGULIS, Mario & URRESTI, Marcelo. "La juventud es más que una palabra". In: Margulis, M. (org.). **La juventud es más que una palabra**. Buenos Aires, Biblos,1996.

MANNHEIM, Karl. **O problema da Juventude na Sociedade Moderna**. (In) Brito, Sulamita de, Sociologia da Juventude I . RJ: Zahar, 1968.

SPÓSITO, Marília Pontes. Uma perspectiva não escolar no estudo sociológico da escola. **REVISTA USP**, São Paulo, n.57, p. 210-226, março/maio 2003.

WELLER, Wivian. A atualidade do conceito de geração de Karl Mannheim. Dossiê da atualidade do conceito de geração na pesquisa sociológica. **Revista Sociedade e Estado**. Vol.25. nº 2. Brasília, Maio/Agosto 2010.